

A ANTROPOLOGIA E O AUDIOVISUAL: ENTREVISTA COM KARINA KUSCHNIR*

Dezembro de 2012

A entrevistada desta nova edição da Revista Habitus é a professora do Departamento de Antropologia Cultural da UFRJ e coordenadora do Laboratório de Antropologia Urbana (LAU), Karina Kuschnir. Graduada em Comunicação Social pela PUC-Rio e mestre e doutora pelo Museu Nacional, Karina sempre teve uma estreita relação com o uso de imagens em suas pesquisas. Aproveitando esse vínculo, a entrevista tem como foco central o panorama dos estudos audiovisuais no Brasil, bem como os trabalhos realizados e em curso da entrevistada.

Revista Habitus: Karina, gostaríamos de começar pela sua trajetória acadêmica. Você possui graduação em Comunicação Social, mas acabou optando pela Antropologia no mestrado e doutorado. Como foi esse processo de mudança? Algum autor ou professor desempenhou um papel decisivo nessa escolha?

Karina Kuschnir: Na verdade, a primeira vez que eu entrei em uma universidade foi para fazer um curso de fotografia. Eu tinha essa ideia de que eu ia fazer fotografia ou alguma coisa ligada à arte. Também adorava desenhar. Depois fiz vestibular para Desenho Industrial na PUC-Rio, mas me decepcionei um pouco, porque era muito técnico, mais próximo da engenharia do que eu estava imaginando. Mas, na PUC, fiz algumas disciplinas de Comunicação e me apaixonei pelas teóricas. Acabei fazendo outro vestibular para jornalismo. A antropologia chegou nessa época porque o curso de jornalismo era dividido em duas grandes áreas: teórica e prática. Quase todos os professores das áreas teóricas eram ou antropólogos ou doutores em áreas afins, de humanas. Então eu tive aulas com pelo menos quatro ou cinco doutores em antropologia, ou mestrados ou doutorandos. Tive contato, não com tudo que um graduando em ciências sociais tem, mas com alguma literatura antropológica. Quando terminei a faculdade, queria ter uma experiência de jornalismo. Trabalhei como jornalista por um ano e meio, ainda fazendo a graduação, e fiz a prova para o Museu Nacional para ver se passava – e acabei passando. Ainda tentei conciliar o trabalho com o mestrado. No meu primeiro ano, eu estava contratada pelo Jornal do Brasil, pela antiga rádio JB AM, mas não consegui. Para desespero da minha família, pedi demissão do jornal e fiquei no mestrado!

Revista Habitus: Desde a graduação, você mantém um compromisso com o audiovisual. Mas parece que somente em 2010, com o projeto de História Audiovisual das Ciências Sociais na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), é que você formulou uma linha de pesquisa que visasse produzir seu próprio conteúdo de mídia. É isso mesmo? Você poderia nos explicar melhor o projeto?

Karina Kuschmir: É interessante a sua pergunta por que, quando fiz o projeto atual, o “Desenhando a Cidade”, fiz uma espécie de autobiografia buscando esse vínculo com o audiovisual ao longo dos meus vinte e poucos anos de formada. Percebi que o audiovisual sempre me acompanhou, embora não fosse central nos meus projetos. Eu tinha um interesse muito grande pela fotografia (cheguei a ser chamada para um estágio no setor de fotógrafos do jornal O Globo, mas não fui porque já estava no JB). Na Comunicação, a presença da imagem como um material de trabalho é constante. Na comunicação de massa, texto e imagem andam juntos em quase todos os veículos (exceto no rádio). Fui professora de Comunicação durante 16 anos na PUC e 1 ano na UERJ. A gente trabalha muito com conteúdo fílmico, fotográfico, publicitário, jornalístico e a imagem está sempre presente. Quando eu oferecia cursos de metodologia de pesquisa, sempre fazíamos um trabalho em cima de imagens. Então é um tema que faz parte da minha trajetória. Como projeto de Ciências Sociais, fiz algumas incursões no universo das imagens anteriores também. Trabalhei com antropologia política nesses anos todos e, em alguns desses trabalhos, escrevi diretamente sobre o uso da imagem na política. A propaganda política e a construção da identidade na imagem dos políticos foi tema de várias pesquisas que fiz, principalmente em um projeto grande em 2002 com várias instituições envolvidas (na época, eu estava na UERJ, na PUC e em parceria com o antigo IUPERJ, atual IESP). Fizemos um projeto integrado cujo tema já vinha de um trabalho anterior sobre televisão e política. Nesse, trabalhamos com televisão, política e a propaganda impressa também, analisando a parte iconográfica. Em 2004, fui chamada por dois diretores de cinema, Eduardo Escorel e José Joffily, para ser consultora de um documentário sobre jovens em campanha para vereador do município do Rio de Janeiro. Esse filme foi uma experiência muito interessante porque eles leram os meus livros, *O cotidiano na política*, e *Eleições e representação no Rio de Janeiro*, e falaram: “a gente quer filmar isso que você pesquisou, na prática, durante um ano eleitoral”. Então foi uma imersão em outra linguagem que é o cinema-documentário, mas ao mesmo tempo com um vínculo muito grande com a minha pesquisa que era de antropologia da política na cidade. Foi uma experiência incrível porque trabalhei muito de perto, vendo as filmagens, acompanhando os cortes do filme, ajudando a equipe em diferentes etapas. Há decisões difíceis a tomar: “como filmar?”, “o que filmar?”, “o que cortar?”. Em 2008, começamos o projeto *Cientistas sociais, histórias de vida*. Acho que foi o primeiro edital do CNPq que visava a cooperação entre países da comunidade de língua portuguesa. No nosso caso, escolhemos a parceria entre Brasil, Portugal e Moçambique. Com Portugal, eu já vinha tendo um contato bastante intenso desde os anos 1990 por conta do meu trabalho com o Gilberto Velho. O projeto é uma parceria entre o Laboratório de Antropologia Urbana, coordenado por mim no Departamento de Antropologia Cultural do IFCS, o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, o Instituto Universitário de Lisboa, de Portugal, e o IIAM, de Moçambique. Trata da história das ciências sociais nesses três países (disponível online em cpdoc.fgv.br/cientistassociais). Ao invés de só gravar as entrevistas, resolvemos, desde o início, filmar o trabalho. Só que não tínhamos um laboratório de audiovisual ainda. Então, o projeto começou como *História das Ciências Sociais* e, paralelamente, pedimos um financiamento para a FAPERJ para montar o Laboratório

de Audiovisual do CPDOC (a equipe de lá elaborou esse projeto, claro). A FAPERJ concedeu esse auxílio da mesma forma que aqui no IFCS, na mesma época, um outro grupo de pesquisa, coordenado pelo professor Marco Antonio Gonçalves, montou um laboratório de audiovisual. Então, quando o projeto foi renovado em 2010, demos o nome *História audiovisual das Ciências Sociais* porque o foco era não só fazer entrevistas filmadas, mas começar um trabalho paralelo de biografar os pesquisadores através de outros recursos audiovisuais. Além das entrevistas, passamos a filmar o ambiente de trabalho, os materiais de pesquisa, além de recuperarmos acervos audiovisuais do pesquisador, como fotos e filmes feitos em campo. A partir do projeto, recuperamos até um filme feito pelo professor Peter Fry, em 1969, cujo material ele estava há 40 anos sem ver. Ele tinha esquecido que tinha feito esse filme. Descobrimos que existia isso nos currículos antigos dele e o filme acabou sendo encontrado. O projeto patrocinou a limpeza dos negativos e a digitalização do material, colocando o filme acessível na internet. Fizemos uma sessão de estreia e tudo. Filmes etnográficos da professora Yvonne Maggie também foram recuperados, assim como fotografias e documentos do acervo do professor Gilberto Velho, da professora Glaucia Villas-Bôas e de outros pesquisadores de Portugal, de Moçambique e aqui do Brasil.

Revista Habitus: Atualmente, no Rio de Janeiro, temos dois núcleos acadêmicos voltados ao estudo da Antropologia Visual: o Núcleo de Antropologia e Imagem (NAI), da UERJ, e o Núcleo de Experimentações em Etnografia e Imagem (NEXTImagem), da UFRJ. Ano passado tivemos, também no Rio de Janeiro, a 15ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico. Qual é o panorama da produção audiovisual etnográfica carioca nos últimos anos?

Karina Kuschnir: Acho que não sou uma boa pessoa para te responder porque não tenho acompanhado de perto essa produção. Quando trabalhei como professora visitante na UERJ, de 1999 a 2003, acompanhei a criação da Revista de Antropologia e Imagem que infelizmente não está sendo editada, mas que produziu um acervo fantástico, pioneiríssimo no Brasil. Quem poderia te dar esse panorama é a Patrícia Monte-Mór, uma das coordenadoras do Festival de Filme Etnográfico, junto com André Parente. Pelo que soube, no ano passado, foi grande o número de alunos dos programas de pós-graduação em Sociologia e Antropologia que se inscreveram com filmes de campo num edital de financiamentos do festival. É uma chance para que esses projetos fílmicos/etnográficos consigam recursos para serem produzidos. O próprio festival está criando mecanismos de formar mais etnógrafos que usam ferramentas e técnicas do audiovisual.

Revista Habitus: Quais as perspectivas de trabalho para os profissionais que buscam seguir a área?

Karina Kuschnir: Eu poderia falar de uma forma mais geral que o aluno de graduação que se forma em ciências sociais, como quase todos os alunos da área de humanas, entra para o mercado com uma qualificação muito genérica. Isso tem pontos positivos, porque é um profissional mais adaptável, e pontos negativos, porque às vezes o formado se sente carente de

uma especialização, de uma formação que o qualifique para um determinado papel ou função. Nas nossas pesquisas com essas trajetórias de cientistas sociais, vimos observando que a maioria dos cientistas sociais se adapta àquilo que gosta de fazer utilizando as ferramentas que aprendeu no curso. Há uma infinidade de possibilidades de trabalho. Por exemplo, na pesquisa que estamos desenvolvendo num território da cidade ocupado pela UPP: há lá a criação de museus comunitários, serviços das unidades do Estado social, ou seja, políticas públicas envolvendo transformações na vida social. Antropólogos e cientistas sociais estão espalhados em todos esses locais que envolvem uma ação direta sobre a transformação da sociedade. Há também muitas possibilidades para um profissional com habilidade no uso da câmera fotográfica e na câmera de filmagem. É importante que, na sua trajetória, o aluno busque complementar seus interesses com formações mais técnicas, específicas da sua área de interesse, adquirindo o máximo de experiência possível em estágios, trabalhos voluntários e prestações de serviços avulsas. Tem que ser um fazer continuado, uma busca permanente de autoaperfeiçoamento e cultivo. Ainda não existe um concurso público para “cientista social especialista em audiovisual”. Mas vai existir. As atividades profissionais e o mercado demoram a se atualizar mutuamente. Mas hoje já existem concursos públicos para antropólogos, por exemplo. Aliás, há uma demanda razoável por antropólogos em função de novas leis que foram criadas nos últimos anos pelo governo federal para reconhecimento de territórios e populações quilombolas. A qualificação profissional vai se adaptando a essas demandas, mas demora um tempo para os cursos se adaptarem. Outro exemplo, numa área diferente: quando a Internet começou, nenhum curso de Comunicação tratava de informática! (Eu por acaso estava na PUC e criei a primeira disciplina eletiva sobre o assunto, em 1994.) Hoje é impossível ignorar o tema das mídias eletrônicas e sociais na área de teoria da comunicação. A própria Associação Brasileira de Antropologia (ABA) instaurou há alguns anos o prêmio Pierre Verger, para produções na área do audiovisual. Isso era impensável nos anos 1980 e início dos 1990. Ou seja, agora já existem espaços de antropologia da performance, antropologia da arte e uma série de outras subáreas ligadas ao audiovisual. Isso sinaliza a presença e a força no mercado desse profissional direcionado ao tema e ao uso das tecnologias no processo de pesquisa e produção do conhecimento.

Revista Habitus: Entendemos. Fora do meio acadêmico você poderia citar alguns exemplos de locais onde o mercado acolheria profissionais e estudantes interessados nessa área?

Karina Kuschnir: Um mercado que é muito forte na Comunicação são as produtoras de produtos audiovisuais. Produtoras de comerciais, de programas para a TV a cabo, de filmes institucionais (para empresas públicas ou privadas), de documentários e de material audiovisual para a internet. Quando realizamos entrevistas no nosso projeto de História Audiovisual das Ciências Sociais em São Paulo, tivemos que contratar uma produtora para filmar. Toda essa área de filmagem que tem um apelo documental é um mercado de trabalho em potencial para os cientistas sociais interessados. Há uma carência muito grande de profissionais com esse tipo de formação, habilidade técnica e experiência.

Revista Habitus: Você poderia nos contar como ocorreu o processo de institucionalização da Antropologia Visual no Brasil?

Karina Kuschnir: O que eu tenho visto como parecerista da FAPESP, da FAPERJ e do CNPq é que tem aumentado o pedido de verbas para formação de núcleos de pesquisa na área do audiovisual. A exemplo de núcleos pioneiros, como o Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA), fundado em 1991 na USP, e o Núcleo de Antropologia e Imagem (NAI), criado em 1994 na UERJ, outros estão sendo criados. Já citei os recentes núcleos do IFCS e do CPDOC. Em 2007, foi criado também o VISURB - Grupo de Estudos Visuais e Urbanos da Unifesp, Universidade Federal de São Paulo, no campus de Guarulhos. A proliferação dos núcleos de audiovisual, no Brasil é crescente. O mesmo movimento acontece também no campo das publicações. Acabou de ser lançada, em 2012, a revista de Cadernos de Arte e Antropologia na Universidade Federal da Bahia com parceria com outras universidades. O tema da antropologia da arte, em boa parte, está associado ao da antropologia visual. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, temos o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV), um trabalho importantíssimo de Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. É um amplo projeto, que vai desde a elaboração de filmes etnográficos, à manutenção de um arquivo de dados de pesquisas tanto textuais quanto audiovisuais. Se fizermos um levantamento, veremos que todas essas iniciativas foram feitas nos últimos vinte anos. Portanto, é um investimento recente na história das ciências sociais brasileiras. É claro que temos alguns exemplos muito mais antigos, como o trabalho do antropólogo Luís de Castro Faria, do Museu Nacional da UFRJ, que produziu no final dos anos 1930 coleções etnográficas de fotografias importantíssimas. Não é que não existisse o uso de audiovisual – o rico acervo virtual do Núcleo de Experimentações em Etnografia e Imagem (o NextImagem, da UFRJ) mostra muito bem que essa produção já existia – mas o campo não tinha a representação ampla como hoje.

Revista Habitus: Desde a primeira metade do século XX observamos um grande diálogo entre as ciências humanas e os próprios profissionais do meio audiovisual. São grandes nomes como os de Jean Rouch, Eduardo Coutinho e Silvio Tendler, com perfis distintos. Na própria UFRJ tivemos o Núcleo Audiovisual de Documentação, o NAVEDOC, que contava com estudantes de Comunicação social e cientistas sociais. Partindo deste ponto, como se dá, atualmente, esta relação entre estes profissionais no Brasil?

Karina Kuschnir: Há pouco tempo orientei a tese de antropologia da Arbel Griner sobre o trabalho do cineastas e documentaristas Eduardo Coutinho, Eduardo Scorel e João Moreira Salles. Acho que ela mostra que a história da relação entre a antropologia e o audiovisual é muito fértil. Não que uma só exista com a outra, mas que as duas têm se alimentado mutuamente. O Jean Rouch é um exemplo, realmente, perfeito para isso. Mas qual era a sua pergunta mesmo?

Revista Habitus: Como está se dando essa relação atualmente entre esses profissionais?

Karina Kuschnir: É um pouco difícil responder essa pergunta... Mas acho que os festivais de cinema são um ponto de encontro interessante: mostram bem os dois lados da conversa. Em abril, acontece no Rio de Janeiro e em São Paulo o “É tudo verdade”, um festival de filmes de não-ficção, produzido por cineastas, mas que vem atraindo antropólogos e cientistas sociais. No segundo semestre, temos a “Mostra Internacional do Filme Etnográfico”, que também inclui documentaristas. Ou seja, a busca pelo conhecimento e a compreensão da sociedade não é privilégio dos cientistas sociais. Seria uma ideia muito limitadora. Nas ciências sociais, produzimos um tipo de conhecimento da vida social. Estudamos e nos aprofundamos segundo certas teorias, certas técnicas. Mas na literatura, no cinema, na música, na política, nas associações de moradores, enfim, muitas outras pessoas também estão pensando e “falando sobre a sociedade”, como escreveu Howard Becker. Não podemos achar que, por sermos cientistas sociais, somos donos desse tema. Um autor como o Eduardo Coutinho não tem doutorado em antropologia, mas está bem além de um doutorado. É uma pessoa hors-concours no conhecimento da vida social, num conhecimento etnográfico, inclusive.

Revista Habitus: Na virada do século notamos grandes mudanças que partem da ampliação do acesso a equipamentos de captação visual, principalmente em decorrência da transformação digital. Quais os impactos destes processos sobre o perfil da produção audiovisual na Antropologia?

Karina Kuschnir: Uma boa consequência dessa mudança é que mais e mais pessoas estão produzindo seus próprios filmes, fotografias, livros, textos e opiniões. É maravilhoso que esse tipo de conhecimento não esteja mais tão dependente de obtenção de grandes somas e recursos materiais. Projetos como o “Vídeo nas Aldeias” ou os do “Centro de Criação de Imagem Popular” (Cecip) são exemplos fantásticos do potencial de criatividade e ampliação das fronteiras no mundo digital, com consequências políticas importantes. São movimentos que buscam diminuir as desigualdades sociais e também trazem mais pontos de vista – e por isso mesmo, mais complexidade – para o diagnóstico dos problemas a serem enfrentados.

Revista Habitus: Em alguns momentos, por alguns estudiosos, ao longo da constituição da Antropologia, o uso de imagem foi relegado ao uso meramente instrumental, sendo deixada como "pano de fundo" nas pesquisas etnográficas. Atualmente, existe alguma resistência geral da comunidade acadêmica das Ciências Sociais às pesquisas que contam com a imagem como fonte principal de análise?

Karina Kuschnir: Não acho que exista resistência ao uso da imagem e à investigação sobre as imagens nas pesquisas da nossa área. Nos últimos anos, proliferaram trabalhos sobre cinema, fotografia, arte, grafite etc. No entanto, nas ciências sociais, o material textual produzido por diversas fontes (seja do próprio pesquisador, no diário de campo, seja dos pesquisados, nas entrevistas e documentos levantados) tem um lugar central. Da mesma forma, na hora de

apresentar os resultados de uma pesquisa, é preciso entregar um *texto*. Faz parte do nosso modelo acadêmico. A produção de filmes, desenhos ou galerias fotográficas tem quase sempre um lugar complementar. Podemos dizer que ocorre o mesmo com a música. O diálogo do texto com as outras linguagens ainda é um desafio.

Revista Habitus: Algum plano de conciliar a experiência do audiovisual com a Antropologia Urbana, na qual você vem trabalhando há tanto tempo?

Karina Kuschnir: Sim, muitos planos! Meu projeto atual tem tudo a ver com essa conversa entre a antropologia urbana e o audiovisual, ou melhor, por enquanto, só com o “visual”. A pesquisa mais recente chama-se *Desenhando cidades*. É uma experiência onde pretendo explorar quatro eixos de investigação. Em primeiro lugar, quero conhecer mais a relação do desenho com a produção da etnografia. É um trabalho com fontes, de pesquisa bibliográfica, buscando pensar como o desenho pode ser útil na pesquisa de campo antropológica. Em segundo lugar, pretendo dar continuidade ao estudo do universo *Urban Sketchers*, uma rede de pessoas que se formou na internet e onde o desenho das cidades é central. O terceiro e o quarto eixos têm a ver com a cidade do Rio de Janeiro. Vou mapear a representação gráfica da cidade nos últimos anos, através de algumas fontes impressas, e também quero desenvolver uma pesquisa etnográfica com crianças e jovens que desenharam a cidade. Claro que tudo isso é trabalho para muitos e muitos anos! Mas está sendo fantástico experimentar um tema novo, ler autores que eu não conhecia, oferecer cursos diferentes na graduação e abrigar pesquisas afins no Laboratório de Antropologia Urbana (LAU) que coordeno no IFCS. Algumas reflexões iniciais da pesquisa foram publicadas recentemente e estão disponíveis online (na revista *Sociologia & Antropologia*, do PPGSA revistappgsa.ifcs.ufrj.br, e na revista *Vibrant*, www.vibrant.org.br/issues/v8n2/karina-kuschnir-drawing-the-city/). Queria terminar agradecendo à equipe da *Habitus* pela proposta de conversa. Essa entrevista acabou sendo uma ótima oportunidade para fazer um balanço de temas que têm me interessado tanto.

* Entrevista realizada por Bárbara Machado e Bárbara Rossin, integrantes do Comitê Editorial da Revista Habitus e alunas do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ).